

# Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 1042  
 GUIMARÃES, 6 de Janeiro de 1952  
 Redacção e Imp., R. da Rainha, 56-B Tel., 4313  
 Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381  
 VISADO PELA CENSURA  
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Paços do Concelho

Abel Cardoso, vimaranense de talento invulgar e baírrista como poucos, artista consagrado por uma obra cujo alto valor a crítica unânime reconhece, e que também é arquitecto diplomado, embora a essa arte especialmente se não tenha dedicado, lembrou-se de consultar alguns dos mais eminentes arquitectos da actual escola modernista, sobre o projecto de Marques da Silva para os nossos Paços do Concelho e teve a gentileza de nos transmitir as primeiras respostas recebidas.

Os profissionais da Arte que fundam uma escola apaixonam-se, em geral, pelas suas idealizações dentro dos moldes cerrados do estilo que criam e de que se tornam fanáticos, com tal intensidade e exclusivismo, que difícil ou impossível lhes é admitirem que, dentro da sua época, se realize uma obra que não obedeça fielmente às linhas estruturais que a sua concepção de beleza decretou.

Não devemos, por isso, esperar que da parte dos grandes artistas consultados nos venha um voto de adesão incondicional ao projecto de Marques da Silva, concebido em plena liberdade de sentimento artístico, sem preocupações de directrizes rígidas inultrapassáveis, guiado somente pela inspiração do motivo, do ambiente, do fim a atingir e da beleza em absoluto.

Mas temos a certeza de que, seja qual for o grau das intransigências peculiares a quem totalmente se consagra a uma modalidade artística, a probidade mental e a sensibilidade estética ficam sempre intangíveis e incompatíveis com a destruição de qualquer coisa que seja bela, embora se não adapte às linhas actuais das suas criações preferidas.

O que acima de tudo nos importa, pois, nas duas respostas já recebidas é este facto, para nós culminante: a obra já executada do projecto do edifício dos Paços do Concelho NÃO DEVE SER DESTRUIDA.

Dizem-no dois dos maiores arquitectos portugueses da moderna geração: Pardal Monteiro e Paulino Montez, o primeiro, professor catedrático do Instituto Superior Técnico, o segundo, director da Escola de Belas Artes, ambos de enorme talento, demonstrado em obras de um excepcional valor artístico.

De Pardal Monteiro não possuímos a opinião por escrito; mas sabemos que, na longa conferência que teve com o prof. Abel Cardoso, categoricamente lhe afirmou que não concordava com a demolição do que já estava construído, embora lhe pareça que o edifício deve concluir-se com um carácter diferente daquele que o projecto de Marques da Silva exprime, sem, todavia, se romper a harmonia com a parte já construída e sempre de molde a não destoar da moldura que rodeia o edifício: castelo, muralha, etc.. Acrescentou, porém, que, manifestando esta opinião, não quer dizer que não mantenha por Marques da Silva, de quem faz os maio-

res elogios, uma grande admiração, considerando o projecto dos Paços do Concelho de Guimarães como mais uma demonstração do superior mérito do Mestre que o concebeu. Disse mais ainda que está convencido de que não pode haver duas opiniões acerca do valor absoluto do projecto.

De Paulino Montez temos presente o seu parecer escrito, que conclui pelas seguintes afirmações:

«1.º — Que o estudo do edificio se apresenta tecnicamente correcto e à altura dos méritos do arquitecto notável que o concebeu;

2.º — Que o mesmo estudo foi orientado com certa preocupação tradicional, como parece de louvar; mas da sua expressão ressalta ter-se impregnado do espirito «arquitectónico», hoje condenável, que presidira a muitas concepções arquitecturais dos fins do século passado e princípios do século corrente;

3.º — Que, uma vez suspensa a obra projectada, se não justifica continuá-la, em obediência rigorosa ao estudo inicial mas, antes, se impõe adaptá-la, criteriosamente, às tendências arquitecturais da actualidade;

4.º — Que, conseqüentemente, se Conclui na 2.ª página.

## Banco Espírito Santo e Com. de Lisboa

A filial do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa em Guimarães inaugurou-se no pretérito dia 2, tendo sido visitada, na hora da abertura, por numerosas individualidades em destaque na vida económica da cidade.

Os representantes da imprensa, que ao terminar do ano haviam sido cumprimentados pessoalmente, num gesto de requintada gentileza, pelo sr. Angelo de Sousa e Silva Madureira, activo e inteligente gerente da nova filial, também ali foram não só para retribuir os cumprimentos mas, também, para felicitar a gerência da importante organização bancária, pelo melhoramento introduzido no nosso meio.

Nesse momento e ao sermos amavelmente recebidos pelo sr. Angelo Madureira e pelo sr. José António Xavier de Matos Guimarães, funcionário superior da nova filial, pudemos apreciar as magníficas instalações do Banco que desde aquele dia ficou a funcionar ao serviço da indústria e do comércio de toda a região e ao qual ambicionamos as maiores prosperidades.

## FRAGILIDADES do governo Municipal

Deliberou a Câmara na sua sessão de 9 de Setembro de 1951 expropriar por utilidade pública os terrenos necessários para a construção de um novo Matadouro Municipal.

Decorreram 20 anos e o Matadouro Municipal ainda não se fez. Não se fez, nem se fará tão cedo, a despeito de se haver deliberado há duas dezenas de anos expropriar os terrenos necessários para a sua construção.

Os terrenos escolhidos estavam situados na freguesia de Creixomil. Por essa ocasião já se havia feito contrato com uma Empresa, a qual por sua vez tinha todos os estudos concluídos para levar a efeito, dentro de prazo fixo, este empreendimento.

Esta obra correspondia a uma necessidade. Tudo aconselhava que se levasse a cabo.

Por que se não fez?...

Quando amanhã se tentar de novo esta obra de manifestar necessidade para a saúde pública e mais eficiente organização dos serviços do Matadouro Municipal, mais dispendiosa se tornará. A tibeza da acção municipal de 1951 converter-se-á em duro prejuizo para o erário e créditos da cidade, que de longe se revela improgressiva.

Parece que não será fazer campanha derrotista falar nestas coisas, pondo-as em evidência, para obstar que prosigam certos hábitos de patente fraqueza e absoluta negação de bem governar este concelho, onde as receitas orçamentais são animadoras e dão margem a ter ensanchas para melhoramentos.

O Matadouro Municipal que há 20 anos se deixou de fazer, quero crer que teve o seu ponto fraco na expropriação do terreno. Somos proprietários e não ignoramos como possa ser desagradável fazer-se uma expropriação de propriedade, se a mesma é submetida ao critério de *expropriação*. Já atravessamos um período desses, em que tão mau exem-

plo era oferecido pelo próprio Estado. Não seria, porém, esse o tratamento adoptado pela Vereação de 1951, porquanto, a composição da edilidade não metia — vá lá o termo próprio e actualizado — comunistas.

Nenhum munícipe vimaranense, digno deste nome, tem o direito de tentar obstar o progresso da sua terra. Esta declaração vai com vista a tantos proprietários que, em vez de se mostrarem conciliadores, tomam atitudes embaraçantes, nada conformes ao bom senso.

Quanto testemunhos se patenteiam por aí a comprovar a tibeza das Vereações perante o exagerado obstruccionismo de certos senhores proprietários!

A. L. DE CARVALHO.

## A ÍNDIA PORTUGUESA!

Abusivamente, nos últimos tempos, tem sido posto o problema da anexação, da integração dos nossos territórios de Goa, Damão e Diu ao Estado Índiu. Já no Congresso Nacional Indiano, em Jiapur, foi o assunto discutido, tendo em Fevereiro de 1949 o Chefe do Governo, Dr. J. Nehru, afirmado que «razões geográficas, políticas e de defesa haviam de conduzir as possessões estrangeiras a unirem-se com a Índia». Um ano depois, voltou o primeiro Ministro a pronunciar-se pela anexação dos nossos territórios à República Indústânica. Ainda recentemente, o mesmo assunto parece interessar alguns chefes responsáveis do novo Estado. Segundo comunicaram há dias os jornais, numa sessão de propaganda eleitoral, efectuada em Bombaim, em 26 de Dezembro, o mesmo Primeiro Ministro rea-

firmou que os territórios de Goa e seus anexos devem fundir-se definitivamente ao Estado Indiano.

Ora, no campo jurídico, a Índia Portuguesa faz parte integrante do território nacional. E' esta também a vontade, bem expressa, de toda a população goesa!

E se, no direito internacional, em todos os códigos, tratados ou legislações, a soberania territorial dum Estado é inalienável, porque sagrada, a pretensão do Ministro dos Estrangeiros da Índia é absurda e indefensável. Já o reconheceu o grande poeta e pensador Rabindranath Tagore, o próprio Tagore!, o corifeu do nacionalismo indú, ao confessar, com propriedade, que os Estados e as raças não podem desenvolver-se livremente.

Em abono da verdade, hemos de concluir, com Alberto Xavier, que «um Estado, como a jovem República da Índia, que se encontra ainda longe de conseguir a unidade nacional indispensável, não pode dizer, com fundamento, que os territórios estrangeiros, como a Índia Portuguesa, podem contrariar a concepção dum unidade nacional que não existe na realidade dos factos».

Vejamos. Unidade nacional, naquele misto, naquela heterogeneidade de cerca de 3.000 de castas, de inúmeros agrupamentos sociais e religiosos antagonísticos e díspares?...

Unidade nacional — num estado tão fortemente diferenciado, aonde se falam mais de 200 línguas e diversos dialectos?...

Unidade nacional, insistimos, se a endogamia é o seu principal obstáculo, proibindo, interditando os casamentos de diferentes castas?...

Alguém, que se tem dedicado ao afincamento e amor aos nossos territórios de além-mar, afirmara, com acerto e alta visão, que tal desejo dos go-

## CARTA A UMA SENHORA

Minha Senhora

Embora o ano de 1952 se encontre ainda muito menino e, portanto, sem podermos fazer a seu respeito qualquer prognóstico que nos indique o que dele poderemos esperar, eu suponho que o seu reinado de 366 dias se tornará decisivo na resolução de certos problemas que o antecessor não conseguiu resolver. Perante esta minha convicção, não me repugna acreditar no optimismo das pessoas que creem na possibilidade de o Novo Ano ser portador de melhores dias para a humanidade, de forma a tornar mais alegre e mais risonho o ambiente internacional e, assim, criar uma atmosfera de apaziguamento entre os povos.

Se assim vier a suceder, bem vindo seja o 1952, porque a sua vida, com mais um dia, será assinada com a intervenção da felicidade. Porém, minha Senhora, aguardemos com a aconselhada serenidade a marcha ordenada do calendário e não nos deixemos seduzir por esperanças que podem falhar, como, infelizmente, tantas vezes sucede na vida quotidiana de cada um.

A ponderação marca sempre o seu lugar nos nossos actos, mas sobretudo naqueles que não dependem apenas da nossa vontade, isto é, porque eu anseio — e suponho que a Senhora o desejará como eu — um Novo Ano mais feliz do que o anterior, deverei, por esse motivo, idealizar realizações e aventuras que possam lançar-me no Oceano das ilusões?!

Creio, minha Senhora, que se o fizesse me tornaria tão indesejável como aqueles que desejam ultrapassar o infinito das suas ambições e dos seus prazeres de toda a espécie, esquecendo-se de que para cá desses maquiavélicos desejos estão os de quem não tem ambições dessa natureza, mas somente as de não ser considerado farrapo humano. E quantos farrapos humanos não vê V. Ex.ª, minha Senhora, dia a dia, hora a hora, momento a momento!

Eis um dos problemas fundamentais para o qual o Novo Ano deverá voltar a sua atenção no sentido de procurar reduzir até onde for possível o espaço horizontal da miséria, autêntico cancro social, que só não comove quem de ser humano não tem mais do que a simples aparência.

Desculpe-me, minha Senhora, falar-lhe com esta franqueza, mas como sei que estas considerações não a contrariam, é essa a razão que me leva a desabafar com V. Ex.ª sobre tão delicado assunto, pois que a tristeza e a melancolia dos cenários que tenho presenciado nesta quadra do Natal trouxeram até mim a impressão de que a miséria está teimosa e não recuará sem a aplicação do velho aforismo: «Para grandes males, grandes remédios!»

Oxalá, por isso, que no Natal de 1952 esses cenários se tornem reveladores de menos fome e de menos frio, facto que, com certeza, cons-

tituirá também grande satisfação para V. Ex.ª. E agora, que o bebé de que tanto lhe falei ainda não pronunciou a palavra «Paz», veremos se esta será uma das suas surpresas a apresentar à humanidade, o mais lauto banquete para esta saciar a fome e a sede da sua tranquilidade.

Como vê, minha Senhora, cá temos mais um exemplo comprovativo de que é a força do destino quem comanda a interrogação do futuro, reforçando deste modo o que lhe disse na minha última carta, que V. Ex.ª deverá ter recebido no passado dia 30, último domingo de 1951. Mas não lhe falei mais em destino, porque ele será sempre o que tiver de ser, mesmo no caso de não ficarem satisfeitos os falsos profetas, nos quais tantas pessoas de bem têm a ingenuidade de acreditar. Quanto a V. Ex.ª, não a considero no número dessas pessoas, não obstante conviver com algumas delas.

E por hoje, minha Senhora, leia como puder esta mistura de *Ano Velho* com *Ano Novo* e creia-me.

De V. Ex.ª  
 Cd.º Ven.º e Ogb.º

Janeiro de 1952.

X.

## DAQUI NÃO SAIO...

DIREITO DE PROPRIEDADE

Muitas vezes tenho ouvido falar da defesa dos direitos e garantias da propriedade privada. É um assunto que interessa a todos, evidentemente, pois não há ninguém que não tenha qualquer coisa a que chame sua. O próprio mendigo chama suas às esmolas que vai recolhendo e ninguém tem o direito de o despojar delas ou dos andrajos com que se cobre.

O direito de propriedade existe latente no instinto humano. Uma criança não consente, sem protesto, que lhe tirem o brinquedo que ela considera seu.

No código moral, que rege os nossos costumes e a nossa civilização — o Decálogo — está claramente expresso o direito de propriedade. Não furtar, diz o 7.º mandamento. Se o direito de propriedade não tivesse de existir, não era necessário este mandamento, porquanto só se pode furtar aquilo que, de facto, a outrem pertence.

Quem é que nos pode garan-

tir o direito de propriedade? Só o Estado no-lo pode garantir pelo poder e pela força que concentra nas suas mãos.

Infelizmente, esse direito nem sempre nos é garantido com a verdadeira justiça e apuro que sirvam de exemplo a todos aqueles que costumam prevaricar.

E' certo, porém, que, quando se trata de atentados à propriedade do Estado, o caso muda de figura, porque, então, a justiça se exerce com mais firmeza e pontualidade e, por esta razão, a propriedade do Estado é sempre mais respeitada.

Eu penso cá para mim, que a propriedade particular devia ser defendida de igual modo, porque nós todos pagamos ao Estado, para que ele proteja as nossas pessoas e haveres. Mas não é assim.

Quando se torna necessário defender a propriedade particular e se recorre à justiça, para tal fim, são tantas as complicações e as dificuldades

Conclui na 4.ª página.

## Meditação

Ao poeta maranhense Dr. Fernando Viãna

Quando se pensa na morte,  
 A vida julgamos bela.  
 Mas ninguém em sua sorte  
 Está contente com ela.

Muda a sorte num instante,  
 Torna a vida mais amena...  
 — O que for sempre constante,  
 Por muito tempo, envenena!

Quem possuir um bom tino,  
 Sua morte não deseja.  
 Por mais cruel o destino,  
 A vida nunca sobeja.

A morte, sempre em contraste  
 Em sentença nos ordena:  
 — Não fizeste o que sonhaste?...  
 Tenhas da vida mais pena!

E' grande como a tristeza  
 O nosso sonho de Amor...  
 Que a vida em sua Beleza  
 Nos parece até menor.

Neste vale de amargura,  
 A dor a si nos condena...  
 Que, por maior, a ventura...  
 E' sempre muito pequena!

Rio de Janeiro, 1951.

ELÍSIO DE VASCONCELOS.

# CRÓNICAS RURAIS

## Falando do Vinho Verde

Foi António Augusto de Aguiar quem afirmou em 1875, numa conferência realizada então, dizer-se no Posto do vinho verde, «que não se podia beber essa peste, senão de olho fechado, pondo a boca à banda e alcançando a perna direita, como quem ao bebê-lo esperasse o efeito de uma pedrada».

Sobre esta data, passaram 76 anos, durante os quais alguma coisa se progrediu. Mas ainda muito há a progredir, se quisermos melhorar o vinho verde.

Seria demasiado pretencioso, se me propusesse delinear as medidas a tomar para esse melhoramento.

Foram já os mestres do pas-

vernantes do Estado Indiano não é apenas contrário ao direito. É moral e politicamente indefensável. É acima de tudo absurdo e, por isso, tem de ser combatido e repudiado com firmeza!

A Índia Portuguesa está indissolúvelmente unida à Mãe-Pátria. A nossa alta concepção política, a nobre e elevada missão civilizadora de Portugal nos confins indianos sempre foi norteadora nos princípios de justiça, de equidade, de tolerância, no respeito das instituições, dos credos religiosos, dos seus usos e costumes. Afonso de Albuquerque, o 1.º grande Vice-Rei, foi acima dum valoroso e intrépido chefe militar um habilíssimo, prudente e alto político.

More Stephans, estadista inglês, diz que a sua acuidade e tacto administrativos são únicos na história da Índia. *Ele não tinha medo aos casamentos mistos, nem antipatia pelas meias castas;* o seu intento, com esta política, era formar uma população leal, contente e progressiva. O almirante Ballard vai mais longe, considerando Albuquerque *o maior em todo o Oriente.* Depois da sua morte, o povo goês organizava romagens piedosas ao seu túmulo, o seu nome é ainda lembrado com saudade.

Os habitantes da Índia Portuguesa gozaram, desde então, os mesmos direitos políticos e civis de qualquer cidadão metropolitano. Em 1774, o Marquês de Pombal ordenou que «todos os seus habitantes fossem tratados com igualdade e a todos fossem garantidos os empregos e postos militares, sem distinção de qualquer espécie».

Muitos habitantes da nossa Índia têm ocupado, quer na Metrópole, quer na sua terra natal, os mais elevados cargos, na magistratura, no professorado universitário, em funções de carácter administrativo, no próprio Parlamento ou na Assembleia Nacional, na vida civil ou militar, na hierarquia eclesiástica, em suma, sempre em igualdade de circunstâncias com qualquer habitante do Continente!

Os mais fortes laços de sangue, os mais sagrados vínculos de união unem para todo o sempre goeses, metropolitanos, moçambicanos ou os habitantes das recônditas paragens timorenses, porque uns e outros fazem parte da mesma unidade nacional!

Fortes liames do mais puro e indissolúvel afecto — o do matrimónio — unem para todo o sempre os portugueses d'aquém ou d'além mar.

A pretensão de alguns responsáveis pelos destinos do Estado Indú é, pois, jurídica, política e moralmente falsa!

De igual modo, o direito internacional conuena-a, por abusiva da integridade pátria!

Prof. J. MARTINS LIMA.

sado (Batalha Reis, Ferreira Lapa, etc.) que esboçaram as medidas que entendiam ser úteis, à luz dos conhecimentos de então, sem conseguirem o seu intento, como o prova bem a média dos vinhos verdes.

O problema do melhoramento dos vinhos verdes deve assentar em duas bases, cultural e tecnológica, que embora distintas, têm de ser encaradas em conjunto. Nada pode a tecnologia sem a técnica cultural, nem esta sem aquela.

No aspecto cultural o que mais interessa focar é o problema das castas e do sistema de condução da videira. As castas são, quanto a mim, a base de tudo.

Se o vinho verde é único no mundo, e tem cunho especial e inconfundível, não deve esquecer-se que nele a influência das castas constitui uma condição essencial desse carácter, diz o Prof. L. Cincinnati da Costa.

Quantos se alheiam desta verdade e procuram introduzir castas novas, que nada nos vêm trazer senão a destruição dessa jóia enológica, que as condições mesológicas e as nossas castas criaram?

Creio serem muitos, e muitos serão aqueles que reconhecerão o seu erro, ao obterem um vinho que não é verde nem maduro e como tal incapaz de atingir o preço doutro tipicamente verde, «espiritoso sem calor, ácido sem corte e travoso sem aspereza, no dizer de Ferreira Lapa.

Outros, levados pelas palavras de um amigo que afirma possuir uma casta especial, não resistem à tentação de pedir uns garfos para a enxertia desse ano.

E como sucede serem muitos os amigos e muitas as tais castas (quem não tem uma em casa?) a vinha lá se vai transformando numa espécie de colecção ampelográfica, que agrada especialmente àquele que gosta de ter de tudo um pouco: no meio do Verdelho o Moscatel de Hamburgo, contrastando com o Vinhão o Chasselas Doré.

Para quê castas novas? Não dispomos nós de magníficas, que há tantos anos deram provas de quanto valem? E vão ser elas substituídas por outras que nada nos disseram da sua categoria *na nossa região* e incapazes de produzir bom vinho verde?

Fiquemos pelas nossas Vinhão, Azal, Borraçal Verdelho e Espadeiro como tintas, e Alvarinho, Dourada, Azal branco, Esganinho e Cascão como brancas.

Façamos um lote consciencioso com elas, em que as qualidades de umas encubram os defeitos das outras e obtemos um bom vinho verde, se... não o estragarmos na adega.

Continua.

J. C.

## Boas-Festas

Tiveram a amabilidade de nos endereçar cumprimentos de Boas Festas e votos de felicidades no Novo Ano, o que retribuimos gostosamente e com o melhor reconhecimento, mais as seguintes individualidades: Conselheiro dr. Raul Alves da Cunha, Leandro Martins Ribeiro, António Pimenta, Augusto Joaquim da Silva, dr. Leopoldo Martins de Freitas, dr. Alberto Ribeiro de Faria, Direcção do Vitória Sport Club, Domingos Ribeiro, Almirante António Garcia de Sousa Ventura, de Guimarães; Arnaldo Alpoim da Silva Meneses, da Beira; Eugénio da Costa Santos Vaz Vieira, de Felgueiras; Escritor Joaquim Novais Teixeira, de Paris; Eng. Adelino Soares Leite, de S. Nicolau; Pedro Duarte Saúde, de Beja; Luís Marques Pereira, de Lourenço Marques; Alberto Cardoso, da Beira; dr. António Paúl, José Manuel de

## Do que leio e do que penso

Quinta-feira, 20.  
A Voz de anteontem brindava os meus olhos com a esperada Homenagem da Senhora Viscondessa de Paço de Nespereira à Rainha Mártir. A pena octogenária maninha, vincadamente, o vigor dos anos juvenis!

\* \* \*

O bom Ferreira Torres lerm-a? Nas suas relações, não entra o Hugo?

O Hugo Rocha de variados dotes?

Os *Poemas Exóticos* e o *Quissange* só agora me apareceram. (E são do Ano dos Centenários!)

Depressa os li, mas enleado sempre num prazer muito alto! Grande Poeta!

\* \* \*

Aos meus 78 anos, li, emprestadas, todas as Belezas de Ramalho na sua «Holanda».

Aos 80, já feitos, devorei, ontem e hoje, o «Portugal» de Miguel Torga.

Achei o Poder Observador do Torga superior ao de Ramalho.

Será forte exagero, ó Chico da Gil Vicente?

Está vingado, meu Chico!... Ressurgiu a pena morta! Com mais força, ao que parece!

\* \* \*

Na segunda, 31.  
Hoje colhi poucas notas. Essas poucas darão apenas duas.

\* \* \*

No *Correio do Minho* de anteontem, a que foi que me agarrei?

E' fácil de adivinhar: Manuel Boaventura homenageando o meu Alberto.

(O meu Alberto é Vieira Braga.)

Que formosa Homenagem lhe teceu!

Nunca o Grande Escritor me agradou tanto!

\* \* \*

Só hoje pude ver o *Noticias* excelso.

O *D. de N.* de 29 de Novembro.

A *Excelsa Senhora* era a epigrafe.

Quem brilhou mais ali, a Mártir, ou o Jornalista?

\* \* \*

Quarta-feira, dia 2.  
Dormi hoje belamente. Três sonos bem confortantes.

No final do dormir, deu-me o nervoso.

\* \* \*

O Boletim da Soc. de L. P. chegou ontem.

*Achesse* vem falar de Abreviaturas.

Não tem opinião sobre *C. T. T.* ou *C. T. T.*

Eu simpatizo com os três pontinhos.

Gualberto Freitas já pensou no caso?

GERESINO.

## Confraternizando

Realiza-se, hoje, no Hotel da Penha, um almoço de confraternização dos caixeiros viajantes de Guimarães, prometendo aquela festa atingir muito brilhantismo.

Sabemos que é elevado o número das pessoas inscritas.

Freitas, prof. José Neves, Adolfo Leitão de Carvalho e P.º Alexandrino Brochado, do Porto; dr. Américo Durão e prof. Abel Cardoso, de Lisboa; Colégio do Minho, de Viana do Castelo; Simão Guimarães, Filhos Lid.º, do Porto; Belmiro Gonçalves, da Régua; D. Virginia d'Arrochela Vaz Nápoles, do Porto; escritora D. Aurora Jardim, do Porto; Casimiro Ribeiro, do Pevim; dr. João Rocha dos Santos; etc., etc.

# O NATAL DOS NOSSOS POBRES

|  |            |
|--|------------|
| Transporte . . . . .   | 10.355\$00 |
| Alfredo Barbosa da Silva Melo Júnior . . . . .   | 20\$00     |
| António de Freitas Carvalho . . . . .  | 10\$00     |
| Manuel António de Castro . . . . .   | 20\$00     |
| D. Maria da Luz Neves Ribeiro Soares . . . . .   | 20\$00     |
| Alberto Neves de Castro António Pimenta . . . . .  | 20\$00     |
| Francisco Ferreira Barbosa . . . . .   | 20\$00     |
| M. M. . . . .  | 20\$00     |
| M. A. B. . . . .   | 20\$00     |
| Dr. Augusto Luciano Guimarães, por alma de sua filha Maria Bernardina . . . . .                                | 50\$00     |
| Anónimo . . . . .  | 50\$00     |
| Manuel Martins Fernandes . . . . .   | 20\$00     |
| Francisco José Fernandes . . . . .   | 10\$00     |
| Manuel da Cunha Machado, Filhos . . . . .  | 20\$00     |
| José da Silva Palmeira . . . . .   | 10\$00     |
| Alberto da Silva Caldas, S. Paulo . . . . .  | 300\$00    |
| Dr. António de Jesus Gonçalves . . . . .   | 20\$00     |
| D. Maria de Araújo Salgado . . . . .   | 20\$00     |
| Raul da Silva Almeida, S. João da Madeira . . . . .  | 20\$00     |
| D. Maria José Ribeiro Vilas Boas . . . . .   | 20\$00     |
| Anónimo . . . . .  | 50\$00     |
| Jerónimo de Almeida . . . . .  | 20\$00     |
| António Custódio G. Arantes . . . . .  | 20\$00     |
| Padre Horácio Pereira da Silva . . . . .   | 20\$00     |
| Amílcar Lopes . . . . .  | 20\$00     |
| Fábrica de Pentes do Ribeirinho (a) . . . . .  | 100\$00    |
| Rotary Club de Guimarães . . . . .   | 1.000\$00  |
| F. F. O. . . . .   | 20\$00     |
| Major António J. T. Miranda . . . . .  | 10\$00     |
| Dr. Sebastião Cardoso de Meneses . . . . .   | 50\$00     |
| José Maria Félix Pereira José de Freitas Lima . . . . .  | 20\$00     |
| Inácio Ferreira da Costa Dr. Aventino Leite de Faria . . . . .   | 40\$00     |
| António Joaquim da Silva Guimarães, Brasil . . . . .   | 100\$00    |
| António Vaz da Costa & Filhos . . . . .  | 100\$00    |
| Manuel Vaz da Costa Marques . . . . .  | 20\$00     |
| António José de Oliveira, Filhos . . . . .   | 100\$00    |
| D. Maria Rosa Vieira dos Santos . . . . .  | 20\$00     |
| Anónimo . . . . .  | 50\$00     |
| Francisco Gonçalves da Cunha . . . . .   | 20\$00     |
| Abílio Novais Fernandes Eduardo da Costa Vieira João Baptista de Sousa Jerónimo Teixeira de Carvalho . . . . . | 20\$00     |
| António Maria da Silva Antunes . . . . .   | 100\$00    |
| António Teixeira de Carvalho, Porto . . . . .  | 100\$00    |
| Estabelecimentos Lino Teixeira de Carvalho Pedro Paulo de Castro Garcia, S. Paulo . . . . .                    | 50\$00     |
| Armando Ribeiro . . . . .  | 20\$00     |
| 20 Aautos de D. Afonso Henriques . . . . .   | 20\$00     |
| Amadeu de Jesus Figueiras . . . . .  | 20\$00     |
| A. R. M. . . . .   | 20\$00     |
| G. E. . . . .  | 50\$00     |
| F. Fernandes Guimarães, Porto . . . . .  | 100\$00    |
| David dos Santos Oliveira, Lisboa . . . . .  | 20\$00     |
| Avelino Gomes da Costa, Lisboa . . . . .   | 15\$00     |
| Arnaldo Alpoim S. Meneses, Beira . . . . .   | 50\$00     |
| Gaspar Lopes Martins. Amaro Lopes Martins . . . . .  | 500\$00    |
| António Pereira de Sousa . . . . .   | 10\$00     |
| T. Mendes Simões . . . . .   | 20\$00     |
| Sindicato N. dos Caixeiros . . . . .   | 20\$00     |
| Armindo de Freitas Lima Farmácia Nobel . . . . .   | 50\$00     |
| Dr. Manuel F. Dias de Araújo . . . . .   | 20\$00     |
| Manuel Joaquim P. de Carvalho . . . . .  | 25\$00     |
| Alberto Gomes Alves . . . . .  | 50\$00     |
| Manuel de Freitas . . . . .  | 10\$00     |
| João Leite de Oliveira. Família de Luís de Araújo Abreu Salgado . . . . .                                      | 20\$00     |
| Armando Coelho . . . . .   | 20\$00     |
| Armando de Sousa Andrade . . . . .   | 50\$00     |
| Eugénio & Novais . . . . .   | 20\$00     |
| António Faria Martins . . . . .  | 20\$00     |
| António Augusto Ferreira, Felgar . . . . .   | 10\$00     |
| A transportar . . . . .  | 15.000\$00 |

(a) Do mesmo subscriptor recebemos mais: 100\$00 para a Casa dos Pobres; 50\$00 para a Ceia de S. Crispim, e 50\$00 para os Presos da Cadeia.

(Conclue no próximo número)

## CARTEIRA COM DOCUMENTOS

Perdeu-se uma que pertence a Abel Francisco Ribeiro. Gratifica-se quem a entregar na nossa Redacção.

# AGRADECIMENTO

Ana Mendes Fernandes Pimenta, gratíssima a tantas provas de estima que recebeu quando, ultimamente, esteve doente, mas receando cometer a falta de não agradecer a todas as pessoas o interesse e cuidado que tomaram pela sua saúde, vem por este modo cumprir tão imperioso dever, testemunhando-lhes publicamente o seu indelével reconhecimento.

Aproveita o ensejo para, do mesmo modo, dar público testemunho do seu profundo agradecimento, ao seu ilustre médico assistente, Sr. Dr. João António de Almeida, enaltecendo, como é de merecida justiça, a sua extraordinária dedicação e proficientes cuidados.

Guimarães, 2 de Janeiro de 1952.

# Paços do Concelho

(Continuação da 1.ª página)

rá, agora, indispensável proceder-se à elaboração de um novo estudo, que se apoie no primitivo e que conserve, quanto possível, o que se encontra já erguido, devendo, previamente, estabelecer-se novo programa, caso se imponha a alteração do inicial, como é provável.

Os sublinhados são nossos.

Ao serem consultados artistas de tão alto merecimento dentro da falange brilhante que se bate com toda a galhardia pela nova forma modernista na arquitectura portuguesa, é evidente que se não teve por fim colher opiniões a favor da continuação da obra de Marques da Silva, tal qual ele genialmente a delineou no projecto de que se trata. Se fôra isso que se tivesse em vista, não seria difícil encontrar uma dúzia de arquitectos de nome feito, com opinião, igual à que mantemos, de que o projecto não deve ser alterado, a não ser no que, porventura, no seu arranjo interior se torne conveniente para atender circunstâncias supervenientes desde a data da suspensão da obra.

O que se quis e se está conseguindo, é simplesmente esta coisa bem singela: mostrar que nem mesmo entre os mais apaixonados corifeus de uma modalidade artística moderníssima, inteiramente oposta à clássica, se encontra um único, com real talento, miolos no seu lugar e carácter impoluto, para negar o altíssimo mérito e absoluta correcção do projecto de Marques da Silva e achar bem que se destrua a parte que dele já se construiu.

Demolir, não!

Quanto à alteração do que resta executar, no sentido de adaptar a obra, *embora criteriosamente*, «às tendências arquitecturais da actualidade», é um caso a discutir, no qual a nossa posição desde há muito está firmada. Somos absolutamente contrários a um tipo único na arte; e, mantendo esta posição, não inventamos a pólvora; limitamo-nos a seguir o modo de ver geral, que tem sido o de todos os tempos.

Em todas as épocas, não obstante ser inegável que em qualquer delas possa haver e haja de facto uma tendência dominante, se têm construído edifícios magníficos em todos os estilos.

Ainda recentemente, a igreja de S. Torcato, próxima da sua conclusão, conserva o estilo românico em que o autor do seu projecto a concebeu. E quantos centenares de catedrais, espalhadas pelo mundo fora, mantiveram as linhas primitivas em que foram projectadas, indiferentes aos estilos que sobrevieram durante a sua construção tantas vezes demorada e interrompida por longuíssimos períodos de anos?

A basílica de S. Pedro, em Roma, é um exemplo bem conhecido. Esboçada a sua construção pelo papa Nicolau V em 1450, seguido por

Paulo II, e vigorosamente impulsionada por Júlio II, em 1506, com Bramante, é prosseguida depois por Leão X, Pio V e Clemente VII até que Bernini e Carlo Maderno a concluem no papado de Paulo V, em 1614. Durante todo esse longo tempo ela manteve sempre o seu estilo Renascentista, ainda que do 1.º, 2.º e 3.º período, e, já agora, permita-se-nos acrescentar que nenhum dos papas citados se lembrou de mandar destruir o que fôra feito pelo seus antecessores, de contrário, a basílica ainda hoje não existiria.

E por que é que se quer restituir a igreja da Oliveira à sua primitiva traça? Não será isso reconhecer que o gótico primitivo devia ter sido respeitado não se lhe mesclando o Luís XVI que na ocasião estaria na moda?

Não somos contra as linhas modernas; temos visto e admirado belas obras de carácter modernista. Podemos citar a Avenida dos Aliados, no Porto; o Arieiro, em Lisboa, praça e ruas irradiantes, é soberbo; mas as catedrais de Colónia, Amiens, Rouen, Chartres, Bourges, Reims e Notre Dame de Paris não deixam, por isso, de continuar a ser imponentes e, já na Renascença e nos tempos modernos, o Palácio Riccardi e Santa Maria das Flores de nos extasiar. Sem sair da nossa terra, o edifício romano-bizantino da Sociedade Martins Sarmento há-de ser sempre uma obra de arte admirável, feita no nosso tempo num estilo de todos os tempos.

Voltando à Avenida dos Aliados, do Porto, não nos parece que nela destoe o edifício da Nacional, também de Marques da Silva, no género clássico francês em que ele tanto brilhou. Ainda na mesma Avenida temos o edifício da Caixa Geral, belo exemplo do clássico que ali assenta admiravelmente, feito em cantaria, na nossa soberba cantaria do norte, tão diferente das *armações* de betão do sul.

Em qualquer época se constrói naquele estilo que melhor se harmonize com o fim a que se destina o edifício; porque, às vezes, se erra e os critérios diferem, não nos parece bem o manuelino da estação do Rossio, em Lisboa, mas só pela repugnância que nos causa o contraste da fumaceira e do carvão das máquinas com a delicadeza e rendilhado das suas linhas e não porque tenha sido construído aproximadamente na mesma ocasião da do Avenida Palace que lhe fica ao lado, do mesmo arquitecto Luís Monteiro, em Renascença francesa, então muito em voga.

Luigi Manini, em 1888 projectava o Hotel do Buçaco em pseudo-manuelino, terminando a construção em 1905 sem alteração do plano. O teatro da Opera, em Paris, foi construído desde 1862 a 1874 em



MÓVEIS - ESTOFOS - DECORAÇÕES

VISITE

Alpimenta

e poderá admirar as mais recentes criações em Móveis de todos os estilos e em Carpetes.

MOBILIÁRIO ARTÍSTICO

RUA GIL VICENTE - GUIMARÃES

estilo derivante da arquitectura italiana, ou antes, veneziana, do século XVI. E' a Renascença, portanto, que volta a aparecer em França no fim do segundo império. O Palácio do Município de Lisboa, na opinião do crítico Marcel Dieulafoy «edifício notável em que sobrevive o estilo destituído ou pseudo-clássico dos edifícios do século XVIII», foi construído segundo os planos do arquitecto Parente da Silva no período decorrido de 1864 a 1875.

Na Baía, no começo deste século, constrói-se em belo clássico português o Gabinete Português de Leitura. Em Sintra, na mesma época e no mesmo estilo o edifício dos seus Paços do Concelho.

Dizer mais seria fastidioso; os exemplos são infundáveis, de todas as épocas e em todo o mundo; não negaremos que outros se possam escolher no sentido contrário, mas os nossos prevalecem sobre todos pela beleza da sua harmonia.

M.

Homenageando

O REV. PRIOR DE S. PAIO

A Mesa da Irmandade de Santo António de S. Paio, erecta provisoriamente na capela de S. Domingos, dando cumprimento a uma deliberação tomada há meses, para se associar à celebração das Bodas de Prata Sacerdotais do Rev. Luis Gonzaga da Fonseca, prestou no pretérito domingo uma singela mas significativa homenagem a aquele querido sacerdote.

Assim foi feita a distribuição de 250 boroas de pão a igual número de pobres e, às 11,30 horas, foi rezada a missa no altar de Santo António, com acompanhamento a vozes e órgão.

Assistiram a mesa da Irmandade e o homenageado e elevado número de pessoas, entre as quais Irmãs Religiosas, o Padre Mestre da Ordem de S. Domingos, diversas senhoras, alguns pobres, etc. O altar do Santo estava decorado com lindas flores e muitas luzes. No final da missa, o sr. Padre Luis Gonzaga foi cumprimentado por todas as pessoas presentes, sendo-lhe ainda oferecido pela mesa um almoço íntimo, a que também assistiram o Rev. P. António Salvador Ramos e um representante dos beneficiados com o Pão dos Pobres de Santo António.

A Mesa da Irmandade deliberou a partir do mês corrente aumentar ao peso das boroas de pão que mensalmente são distribuídas pelos 150 pobres beneficiados.

CALENDÁRIOS

Das importantes Companhias de Transportes Aéreos Pan American World Airways System e Panair do Brasil, recebemos dois

vistosos calendários para o ano corrente, o que nos cumpre agradecer. Também recebemos um útil bloco-calendário para o corrente ano, oferecido pela Gráfica Minnota Lid., a quem agradecemos a gentileza.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Professor Martins Lima — Faz anos depois de amanhã este nosso querido amigo e distinto colaborador, professor ilustre do



ensino oficial, que conta no meio vimaranense muitas simpatias granjeadas pelas suas altas qualidades.

Abracando-o, «Notícias de Guimarães» felicita-o muito sinceramente com votos de muitas prosperidades.

Fazem anos:

No dia 7, o nosso prezado amigo e ilustre pároco de S. Paio, Rev. Luis Gonzaga da Fonseca e a sr.ª D. Felícia de Castro Gomes da Cunha Machado, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado; no dia 8, os nossos prezados amigos srs. dr. João António d'Almeida, ilustre clínico, Alípio Ribeiro Souza e Flávio Faria, de Vizela, e a sr.ª D. Leocádia Martins Ribeiro, de Balazar; no dia 9, mademoiselle Maria Idalina Faria Martins e as sr.ªs D. Dulce Andrade da Silva Carvalho Dantas e D. Maria da Conceição T. Aguiar Freitas; no dia 10, a sr.ª D. Carolina Sampaio Soares; no dia 11, a sr.ª D. Lucinda de Jesus Guimarães e os nossos amigos srs. João de Freitas, de Urgezes, e Manuel Joaquim Dias; no dia 13, os nossos amigos srs. Casimiro A. Soares da Silva, Francisco da Silva e Abílio Carneiro.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

D. Domingos Gonçalves — Encontra-se a passar uns dias nesta cidade, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo Coadjutor da Guarda, D. Domingos Gonçalves, nosso ilustre conterrâneo, a quem cumprimentamos.

Dr. Artur Weiss — Tem estado há meses em Portugal, em digressão de estudo que o Secretariado Nacional de Informação e Cultura acompanha com a mais viva simpatia, o ilustre escritor e naturalista Holandês, senhor dr. Artur Weiss que, tendo estado uns dias em Guimarães, cujos monumentos e belezas muito apreciou e elogiou, se dignou honrar-nos com a sua visita e os seus cumprimentos, o que registamos com satisfação e muito reconhecimento.

Cumprimentamos nesta cidade, os nossos prezados amigos srs. Manuel de Sousa Guise, residente no Porto e seu filho, o distinto oficial da Armada, Tenente sr. Viriato de Castro Sousa Guise.

— Regressou de Fão, o nosso prezado amigo sr. P.ª Avelino Pinheiro Borda.

— Vimos nesta cidade, o nosso bom amigo sr. Domingos Pinto Martins, comerciante no Porto.

— Deu-nos o prazer de sua visita o nosso amigo sr. Alfredo de Carvalho Teixeira Barbosa, de Amarante.

Pedido de casamento

Para o nosso amigo sr. Engenheiro Augusto Flores de Mattos Chaves, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Flores de Mattos Chaves, já falecida, e do nosso bom amigo sr. dr. Fernando de Mattos Chaves, foi pedida, por seu pai, em casamento no dia 26 de Dezembro de 1951, a sr.ª D. Maria Eduarda Leite Barbosa, residente em Ceira-Coimbra, filha da sr.ª D. Maria Josefina de Oliveira Leite Barbosa e do sr. Arquitecto Alípio Leite Barbosa, já falecido.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Primeira comunhão

Na Igreja paroquial de S. Sebastião (Domingas), celebrou há alguns dias a sua primeira comunhão, a menina Maria Guilhermina Barreira Paredes, estremeçada filha do sr. António José Paredes e de sua esposa a sr.ª D. Maria Olinda Barreira Paredes.

Assistiram ao acto pessoas de família e outras das mais íntimas relações, tendo sido celebrante o Rev. Prior da freguesia.

Nascimentos

Em casa de seus pais nasceu uma criança do sexo feminino, filha da sr.ª D. Maria da Conceição Fernandes Martins e do sr. José Ferreira Martins. Mãe e filha estão bem. Parabéns.

Doentes

Já regressou a esta cidade, depois de haver sido novamente operado numa casa de saúde do Porto, encontrando-se bastante melhor dos seus padecimentos, o nosso prezado amigo sr. Amadeu Miranda.

— Tem passado incomodado o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. dr. Alfredo Peixoto.

— Também esteve muito doente, mas já se encontra, felizmente, em vias de restabelecimento, o nosso prezado amigo sr. António Silva.

— Em Vila Fria, Felgueiras, também esteve bastante incomodado, encontrando-se já bastante melhor, o nosso prezado amigo sr. Eugénio da Costa Santos Vaz Vieira.

— Encontra-se doente em Lisboa, tendo sido submetido numa casa de saúde a uma operação de emergência, o nosso prezado conterrâneo sr. Engenheiro Duarte do Amaral.

A todos os doentes desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

Falec. e Sufrágios

Funerais

Na 2.ª-feira, efectuou-se do templo de S. Francisco para o cemitério Municipal, o funeral da bondosa senhora D. Ana Maria Ferreira Luciano Guimarães, cujo cadáver se achava encerrado em luxuosa urna de mogno e se via rodeado por ramos e coroas de flores com sentidas dedicatórias da família e das pessoas amigas.

O templo ostentava decoração de crespas, tendo havido ofícios fúnebres, com a assistência de numerosos sacerdotes, seguidos de missa de Requite e Libera-me.

A assistência era numerosa e selecta, vindo-se entre ela as diversas instituições beneficentes de Guimarães, às quais a família dorida distribuiu donativos.

A chave do caixão foi entregue ao sr. dr. João António de Almeida. No pretérito fúnebre que acompanhou o cadáver ao cemitério, onde ficou inhumado em jazigo de família, incorporaram-se muitas dezenas de automóveis.

Edoardo da Costa Coppola

Na residência de seu pai, sr. Francisco Correia, chefe aposentado da P. S. P., finou-se no dia 1, nesta cidade, o sr. Edoardo da Costa Correia, casado, que há tempos lutava com uma pertinaz doença.

O seu funeral efectuou-se no dia 2 à tarde, da residência à rua da Francisco Agra, para o cemitério municipal, com numeroso acompanhamento.

Os nossos pêsames à família dorida, muito especialmente ao nosso bom amigo sr. Francisco Correia e a sua esposa.

Missa de sufrágio

No dia 25 de Dezembro e na capela da V. O. T. de S. Domingos, no altar de Santo António, foi rezada uma missa por alma da sr.ª D. Maria de Freitas Lopes Correia, benfeitora da Instituição do «Pão dos Pobres».

Assistiram além da Mesa da Irmandade e da família da saudosa senhora, diversas pessoas das relações da extinta.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, Telef. 40424, à R. da Rainha.

Monumento a Alberto Sampaio

Na sessão do dia 12 de Dezembro, da Câmara Municipal, o Vereador do pelouro da cultura referiu-se ao projectado Monumento de Alberto Sampaio, historiador e escritor ilustre, propondo que fosse encarregado o escultor sr. António Azevedo de lhe dar execução no próximo ano. Como o Ante-Plano de Urbanização, já aprovado, prevê o prolongamento da rua Nun'Alvares, terá, certamente, de ser escolhido outro local que não aquele onde foi lançada a primeira pedra para a sua implantação.

Tribunal Judicial

O Vereador sr. dr. Carlos Saraiya propôs, na sessão do dia 12 do mês findo, que a Câmara dotasse o Tribunal de um gabinete decente para os exames periciais que, até agora, têm sido feitos quase à vista do público, por não haver recinto reservado para tal efeito, dotando-se esse gabinete de mobiliário apropriado, o que mereceu inteira aprovação, devendo os trabalhos respectivos iniciar-se em breve.

Vida Católica

Pio X e a Penha

A Santa Sé, por documento datado de 24 de Novembro do ano findo, autorizou o culto do Beato Pio X no Santuário Eucarístico da Penha, bem como a exposição da sua Imagem.

(Documento)

Prot. N. N. 81/951

SACRA CONGREGATIO RITUUM

BRACHAREN.

Ad Vimaraniensium in Lusitania fidelium votum Deo factum adimplendum Excmus ac Rev. mus Dominus Antonius B. Martins Junior, Bracharensis Archiepiscopus, Sanctissimum Dominum Nostrum PIUM PAPAM XII.

Suppliciter exoravit, ut in sacello urbis Vimaraniensis in summo monte «DA PENHA», Archiepiscopos Bracharensis intra fines posito, unum altare laterale in honorem Beati Pii Papae Decimi dicari possit ac eiusdem imago ibidem publicae fidelium venerationi exponi liceat.

Sacra porro Rituum Congregatio, vigore facultatum sibi a Sanctissimo Domino Nostro PIO Divina Providentia PAPA XII.º specialiter tributarum, attentis expositis, benigne annuit pro gratia justa preces, et unum altare in praefato socello Beato Pio Papae Decimo dedicandum eiusque imago ibidem exponenda benigne indulisit; dummodo idem Archiepiscopus respectivam formam statuae vel imaginis approbet; servatis de cetero Apostolicae Sedis praescriptionibus cultum Beatorum caelium respicientibus. Contrariis non obstantibus quibuscumque. Die 24 Novembris 1951 L. + S.

assinado

A. Carinci, Arch. Selenician., Secretarius

O Congresso Eucarístico, realiza-se, definitivamente, nos dias 5, 6, 7 e 8 de Junho do corrente ano.

Estão a ultimar-se assuntos pendentes para que em breve se realize uma grande reunião a fim de dar princípio aos trabalhos e resolver do maior brilhantismo a dar a tão importante acontecimento.

Horário das missas nos domingos e dias santificados nos templos de Guimarães para o ano de 1952

Às 6 horas, na Basílica de S. Pedro (missa das almas); igrejas

MARIA LOPES CORRÊA

Agradecimento e Missa do 30.º dia

Seus Irmãos, julgam ter agradecido a todas as pessoas que assistiram às últimas homenagens prestadas à querida extinta, ou de qualquer forma os acompanharam no rude golpe que sofreram. Pedem desculpa de alguma falta que involuntariamente possam ter cometido e participam que, mandam celebrar uma Missa pelo eterno descanso da Sua Alma, no dia 7 de Janeiro, segunda-feira, 30.º dia do seu falecimento, às 10 horas da manhã, na Igreja paroquial de São Jorge de Selho — Pevidém.

Pevidém, 6 de Janeiro de 1952.

de N. S.ª da Oliveira e de Santo António dos Capuchos (Hospital da Misericórdia); às 6,30, na capela dos Padres Redentoristas, à Rua de Francisco Agra; às 7, na igreja de S. Francisco e nas capelas de S. Domingos e de S. Lázaro; às 7,30, na igreja da Ordem do Carmo e nas capelas dos Padres Redentoristas e da Casa dos Pobres; às 8, nas capelas das Oficinas de S. José e de Santo António d'Arca e nas igrejas de N. S.ª da Oliveira, Misericórdia (servindo de paroquial de S. Paio) e Santos Passos (Campo da Feira); às 8,15, na paroquial de S. Sebastião (Domingas); às 8,30, na capela de N. S.ª da Guia; às 9, na capela dos Padres Redentoristas, na capela da V. O. T. de S. Domingos (missa da exposição) e na igreja de N. S.ª da Oliveira (missa das crianças); às 9,30, nas igrejas de S. Dâmaso e de Santo António dos Capuchos (Hospital da Misericórdia); às 10, na capela dos Padres Redentoristas, na basílica de S. Pedro e na igreja da Misericórdia (missa dos estudantes); às 10,30, na igreja de S. Sebastião (Domingas); às 11, nas igrejas da Misericórdia e de N. S.ª da Oliveira; às 12, na basílica de S. Pedro; às 12,45, na igreja da V. O. T. de S. Francisco.

Irmandade de S. Gonçalo e anexas

A Irmandade de S. Gonçalo, erecta na antiga Igreja de S. Domingos, manda celebrar na Igreja da Misericórdia, servindo de paroquial de S. Paio, no próximo dia 10 de Janeiro, às 8 horas, a missa estatutária em honra dos seus Padroeiros, S. Gonçalo, Nossa Senhora do Terço, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Misericórdia, Nosso Senhor Jesus, S. João Baptista e Menino Deus.

Festa de S. Sebastião em S. Dâmaso

No dia 11, às 19 horas, começam as novenas, na Igreja de S. Dâmaso. No dia 20, a festividade, constando de missa solene, às 11 horas, e de tarde, às 18 horas, sermão pelo distinto orador sagrado P.ª João Pereira Silveiras, Te-Deum e Bênção do SS.º Sacramento.

Carta de Vizela

Consoada na Casa dos Pobres

Como habitualmente, as senhoras, que são a alma da Casa dos Pobres da nossa terra, fizeram larga distribuição de géneros e agasalhos a todos os pobres de Vizela.

Este ano dignaram-se honrar a nossa terra, assistindo à distribuição, sendo mesmo os primeiros a fazer entregas aos pobres, os srs. Governador Civil, Major Nery Teixeira, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Vereador Municipal, Manuel Faria, assistindo, também, os srs. Presidentes das Juntas de Freguesia, Comandante e Direcção dos Bombeiros Voluntários, etc., etc.

Mereceu das Ex.ªs autoridades, o seu maior aplauso, tão benéfica obra e de forma especial o carinho que a tal dedicam, as senhoras Vizelenses, motivo pelo qual nós, fazendo uso das afirmações oficiais endereçamos às Ex.ªs Damas o nosso agradecimento pelo carinho que dedicam aos menos protegidos da sorte.

Caminho de S. Miguel

Nos últimos dias desta semana visitaram o caminho de S. Miguel, desta vila, os srs. Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, respectivamente dr. Augusto Ferreira da Cunha e Engenheiro Alberto Costa, os quais foram acompanhados pelo Vereador Municipal sr. Manuel Faria e pelo Presidente da Junta, sr. António Urgezes dos Santos Simões.

Os ilustres visitantes manifestaram ao sr. Presidente da Junta, o seu apoio às reclamações que classificaram de justíssimas e que se

TEATRO JORDÃO

HOJE, N.ºS 15 E 21 HORAS — APRESENTA

O filme máximo do ano! A maior película de todos os tempos!

O FACHO E A FLECHA

(Tecnicolor) Burt Lancaster-Virginia Mayo Um espectáculo sem precedentes na história do cinema!!!

TERÇA-FEIRA, 8 -- N.ºS 21 HORAS

David Brian - John Agas em

MAIS DO QUE PERMITE A FORÇA HUMANA

Um filme real sobre a 2.ª guerra mundial!

No programa: o documentário Última Rainha de Portugal

QUINTA-FEIRA, 10 -- N.ºS 21 HORAS

O drama amoroso de uma actriz rodeada de paixões!

Liberty Lamarque em

PORTA FECHADA

Condenada injustamente por assassinar o marido, morre nas mãos do...

No programa: o documentário Última Rainha de Portugal

SABADO, 12 -- N.ºS 21 HORAS

Em Sessão Popular

O FILHO DO ZORRO

arrastam desde 1946, ficando nós certos que a obra de total interesse dos Vizelenses será desta vez um facto.

Assim, fica toda a freguesia mais uma vez informada de que, nunca a Junta deixou de trabalhar pelo engrandecimento da freguesia e, mais ainda, de que as Ex.ªs Autoridades verificaram a razão do pedido e a urgência de se tratar de uma vez para sempre, de fazer de um mau caminho uma boa rua de Vizela. — C.

A' volta de um posto público telefónico

Em Outubro passado, assinada por grande número de proprietários com propriedades em Briteiros, deste concelho, foi enviada aos poderes públicos a representação que segue:

Os signatários, proprietários nas freguesias de Santo Estevão de Briteiros e S. Cláudio de Barco, deste concelho, com casas de residência nestas freguesias, onde passam muitos dias do ano, principalmente na época de verão, tiveram conhecimento, com grande surpresa, de que se pretende deslocar para outra localidade distante o posto público telefónico criado há perto de 20 anos, pelo sr. dr. João Antunes Guimarães, quando Ministro do Comércio, a pedido da maioria das pessoas que assinam esta representação.

Ignoram o motivo por que se informou a Direcção dos C. T. T. de não haver na freguesia pessoa idonea que tome conta do posto telefónico, quanto é certo que, a não continuar onde está, existe pessoa que indicam, com estabelecimento comercial, junto à estrada, na parte central da freguesia, cujo edifício está situado a quinze metros da linha telefónica que serve o referido posto.

Uma numerosa comissão de proprietários da zona servida pelo telefone que há perto de vinte anos funciona em Santo Estevão de Briteiros, procurou o sr. Presidente da Câmara, pedindo intercedesse perante os poderes públicos, no sentido de que, sendo-lhes indiferente a criação de um telefone em Souto, não fosse retirado o que existe em Briteiros, e que tantos benefícios presta a quem dele necessita.

# O PERCEVEJO

## História de dois pastéis

Quem viveu no colégio interno não desconhece certamente este repugnante insecto. Descoberto na casa de uma família de tratamento é motivo de alarme; dividido no branco da camisa ou no colarinho de uma pessoa é motivo de sério constrangimento. Há quem lhe tenha tal horror... que é capaz de dizer que o não conhece, que nunca o viu.

Os percevejos vivem escondidos no leito, nas paredes e nos móveis. À noite saem dos esconderijos à procura de alimento, que é o sangue. Atraídos pelo odor do homem, a ele se atiram velozmente, quando adormecido. Picam de preferência os lugares descobertos, mãos, pescoço e face, não determinando a princípio a menor sensação. A picada prolonga-se por dois ou três minutos. Quando os insectos se acham cheios de sangue fogem rapidamente e vão esconder-se. Há pessoas pouco sensíveis às picadas destes insectos e outras muito susceptíveis a elas. Os fenómenos reaccionais variam pois, com a susceptibilidade dos indivíduos. As picadas sendo indolores no início, tornam-se pruriginosas depois, deixando nos pontos atacados pequenas papulas brancas rodeadas de uma zona avermelhada ou então ligeiras inchações, com nodosidades, como se verifica no eritema nodoso ou na urticária.

Estes insectos cientificamente denominados «Cimex lectularius» ou «Acatia lectularia», ou percevejos do leito, são cosmopolitas, comuns, sobretudo, nos países quentes e temperados. Picam tanto o homem como os animais domésticos e pássaros. Reproduzem-se por meio de ovos que a fêmea põe, geralmente, nos meses de verão, em grande quantidade, nas frestas dos móveis, nas paredes, principalmente debaixo dos papéis que as revestem. Nas condições favoráveis a evolução completa, — dos ovos e larvas e destas a insectos adultos — dura onze semanas ou mesmo menos, de oito a dez.

Os percevejos são insectos perigosos ao homem; quando infectados, lhes transmitem, como as pulgas, diversas doenças graves. Ao picá-lo introduzem os germes ou então deixam-nos ao lado da picada, com os seus excrementos. O ponto da picada é uma porta aberta para a infecção.

Podem transmitir a peste, a febre recorrente da Europa, a lepra, a leishmaniose ou febre brava ou botão do oriente, ou ainda, a úlcera do Baurú, como também é conhecida. Os percevejos são acusados de propagar esses males e apontados como inoculadores de toda a sorte de germes perigosos, dada a facultade de abrirem na pele portas de entrada.

Por prudência, devem-se sempre ter esses insectos como perigosos e combatê-los tenazmente; para destruí-los emprega-se a essência de terebentina, o petróleo (Kerozene), a gasolina (aplicados com almotolia, isto é, com a engraixadeira da máquina de costura) nos lugares onde se escondem.

As casas invadidas de percevejos, dificilmente são expurgadas. Em certos casos, é indispensável a mudança completa dos papéis das paredes, o emprego do petróleo ou da essência da terebentina nas camas, tomando cuidado com estas substâncias por serem muito inflamáveis.

E' muito aconselhada a clopicrina que na dose de 10 gr; por metro cúbico, destrói os percevejos em 4 horas. Para isso é preciso fechar herme-

Cinco horas da tarde. Zina e Lilá, duas simpáticas «mimis», desciam joviais a rua X e, ao passar em certo sítio, sentiram um cheirinho ténido a fermentos de baunilha doce com canela, e logo a Zina disse à Lilá: «Que rico cheirinho a pastéis!»

Zina era de facto de condição lambareira, semelhante à Lilá, mas mais económica. — Tinha o condão, as mais das vezes, de sacrificar os seus apetites, a atentar contra a bolsa das suas economias e, nesta ocasião, assim sucederia, se a Lilá não soubesse disso, e não tomasse a resolução de adquirir daqueles pastéis tão aromáticos, para lhes saborearem paladares.

Assim, a convite de Lilá, entraram as duas na pastelaria e, enquanto o empregado embrulhava os dois pastéis pedidos, Lilá remexia afritivamente a bolsinha de mão à procura de dinheiro para os pagar, mas baldadamente!...

Entretanto, Zina, presenciando o embarço da sua amiga, retirava-se intrigadíssima para a porta, receosa, também, de não ter dinheiro consigo, para valer aquela afritiva situação.

Dado que Lilá, não trazia, na verdade, na sua bolsinha, senão o seu inseparável estojo de pintura e o lençinho, tomou a resolução de se dirigir à Zina, solicitando-lhe a afrita e envergouhada, o pagamento daqueles dois... «amargos» pastéis e que depois a reembolsaria.

Porém, depois de bem remexida também a bolsinha de Zina, esta apenas pôde contribuir com um escudo e noventa centavos, para os dois escudos a pagar, pelo que se viram ainda na contingência de se dirigirem ao empregado, dizendo-lhe para ele ter paciência... mas que por uma diferença de um tostão, não valeria a pena, certamente, trocar dinheiro grande, ao que o empregado, sollicitamente, respondeu: ora essa minhas senhoras; está muito bem, e muito obrigado a V. Ex.<sup>as</sup>.

Retiraram-se, seguidamente, do estabelecimento e, a caminho, cada qual com o seu pastel oculto na palma da mão, os iam comendo, ao mesmo tempo que comentavam o sucedido, mas já por entre gargalhadas de libertada aflição, dizendo uma para a outra:

— Sufa, por esta não esperava eu; sempre supuz trazer dinheiro que chegasse para pagar os pastéis!...

— Agora, deixa lá isso, Lilá. Deixa-me dizer-te que gosto imenso de pastéis.

— E eu, Zina; nem que seja mais fraco, gosto até de escolher sempre dos maiores, para me durar mais tempo.

— E quando ele acaba?...

— Olha, eu ainda fico a chupar os dedos, com saudades dele!...

ALEX.

## A passagem do Ano

A passagem do ano foi assinalada nesta cidade, como nos demais anos, por reuniões familiares, que se realizaram em diversos salões e em casas particulares, decorrendo animadas e pelo toque de sirenes e das buzinas dos automóveis.

Nas ruas, grupos populares deram largas à sua alegria, saudando, com entusiasmo, o Novo Ano.

Oxalá que ele possa corresponder a tão calorosas manifestações e a quantas esperanças nasceram e se mantêm.

\* \* \*

Na noite do dia 31 e na nossa modelar Casa dos Pobres foi servida abundante ceia a centenas de pobres — todos quantos ali compareceram para tal fim.

Enquanto a abundante e bem confeccionada refeição se servia estiveram presentes os directores da instituição e outras pessoas que por ela nutrem a mais viva simpatia e a acarinham.

ticamente os aposentados e tomar outras precauções para evitar a intoxicação. Também o sulfureto de carbono, o tetracloreto de carbono e o anidrido sulfuroso dão resultado, mas são de aplicação difícil e pouco prática para ser levada a efeito por particulares.

## Daqui não saio...

(Continuação da 1.ª página)

des, que a Justiça passa a ser uma coisa muito difícil e cara, que é quase sempre preferível desistir e deixar correr.

A propriedade do Estado e a propriedade particular não são consideradas em plano de igualdade. Se nós precisamos de fazer qualquer obra em terrenos confinantes com a propriedade do Estado, é necessário requerer licença e, se não o fizermos, pagaremos multa. Temos, portanto, de respeitar aquilo que ao Estado pertence, o que é da mais elementar justiça, mas da parte do Estado já não há o mesmo respeito pela propriedade particular.

Observemos o que se passa com os terrenos junto das estradas. Os proprietários, que tiveram a boa lembrança de, em tempos passados, fazerem a vedação das suas propriedades, estão garantidos; aqueles, porém, que, por qualquer circunstância os não vedaram, ou por imprevidência ou por falta de recursos, esses assistem, dia a dia, a escamoteação dos seus prédios, em muitos metros de terreno, sem que para isso dêm licença ou sejam justamente indemnizados pelo Estado. Ora isto não é justiça social. E aquilo, que os cantoneiros das estradas nacionais estão abusivamente fazendo, está sendo imitado, também, pelos cantoneiros dos caminhos camarários. Nem o Estado nem as Câmaras tinham necessidade de se aproveitarem deste expediente, dando, assim, um mau exemplo de falta de respeito pelo direito de propriedade. De cima é que devem vir os bons exemplos e não os maus.

Bem sabemos que o Estado tem o direito de expropriar a propriedade particular, em casos de utilidade pública, mas deve pagar ao proprietário o justo valor da expropriação feita.

Há tempos, passando por Vila Real, encontrei-me, por acaso, com um indivíduo que me disse ser o ex-proprietário dos terrenos, onde foram construídos os edifícios para o novo quartel militar. O homenzinho lastimava-se por ter sido esbulhado dos referidos terrenos de cujo rendimento ia vivendo. O rendimento daquilo que recebeu, como indemnização, não lhe dava para viver, como anteriormente.

Eis aqui um exemplo de muitos casos semelhantes. A verdadeira justiça social seria que aquele homem recebesse uma indemnização que lhe proporcionasse um rendimento igual a que vinha usufruindo. Mas há mais:

As empresas hidro-eléctricas, que são quase uns estados dentro do próprio Estado, também abusam da propriedade particular. Estas empresas que se destinam a auferir grandes lucros, para montarem os meios desses lucros, tudo pagaram — as máquinas, a construção das barragens, os fios, os postes, etc. — só não pagam justamente ao proprietário que lhes cedeu o terreno para poderem transportar a energia a todos os pontos que desejam.

Como se vê, há anomalias que se não justificam e que, a bem da Moral, é preciso fazer desaparecer.

Nós não estamos já no tempo de Afonso Henriques ou Sancho I, em que as terras eram distribuídas graciosamente, para serem povoadas e cultivadas. Hoje, todas são adquiridas a título oneroso e, por isso, em iguais condições devem ser adquiridas pelo Estado ou pelas empresas privilegiadas. Não sendo assim, não se poderá dizer que se pratica a Justiça Social.

JOAQUIM DO VALE.

## EDITAL

### REGISTO DE CANINOS

A Câmara Municipal do Concelho de Guimarães

Faz saber que, em obediência ao decreto n.º 18.725, de 2 de Agosto de 1950, é obrigatório o registo de caninos na Secretaria desta Câmara Municipal até ao dia 31 de Março próximo.

O registo é feito mediante declaração do interessado, em impressos fornecidos na Secretaria da Câmara, que serão completados pela Junta de Freguesia, quando se trate de caninos de guarda, não podendo, porém, ter mais do que um em cada casal ou propriedade rústica.

Os donos de caninos quando deixem de possuir os animais registados, devem fazer na Secretaria da Câmara Municipal a competente declaração, afim de não serem incomodados.

Para conhecimento geral e ninguém poder alegar ignorância, se publica o presente edital e idénticos, que vão ser largamente afixados em todo o Concelho.

Eu João das Neves, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.  
Paços do Concelho, 2 de Janeiro de 1952.

O Presidente, 6

Augusto Gomes de Castro  
Ferreira da Cunha.

É uma realidade dizer-se que a **Sapataria Luso** é a que melhor e mais modelos de calçado apresenta.

BEM SERVIR, é o lema desta casa.

## Ofertas e Procuras

### PRÉDIO

NA PÓVOA DE VARZIM

Vende-se na Avenida Mousinho de Albuquerque n.º 22, próximo à Igreja de S. José. Ótima construção. Devoluto.  
Informa P. F. Miguel Teixeira — Rua da Rainha D. Maria II — Guimarães. 564

**Casa** Compra-se, dentro da área da cidade, com 4 ou 5 divisões.

Informa António de Madureira, Rua da Rainha, 20 — Guimarães — Telefone, 4192. 567

### Pequenas Escritas

Aceitam-se. Informa no telefone n.º 40130. 2

### TIPOGRAFIA

Trespasa-se ou vende-se toda a existência, com máquinas, etc.. Informa o sr. António de Madureira. Rua da Rainha, 20. Telefone 4192. 4

### G. LEITE DE FARIA

Ex-Médico dos Sanatórios do Caramulo  
Ex-Estagiário do I. P. M. de Madrid (Prof. Maranes)

#### RADIOSCOPIA

Largo do Toural, 58-1.º  
Telef., 40178 486  
GUIMARAES

## Luís Pinto

**Durões, antigo empregado do estabelecimento do sr. dr. Francisco Meireles, vai estabelecer-se no seu prédio sito na Rua Gravador Molarinho n.º 71 com o mesmo ramo de negócio e participa que a partir do dia 12 lhe será muito grato receber a visita dos seus Amigos.** 7

## Aprígio Neves de Castro

Sua família agradece a todas as pessoas que assistiram ao funeral e missa do 7.º dia ou que nesta triste ocorrência lhe manifestaram o seu pesar.

## ANA GONÇALVES PEREIRA AGRADECIMENTO

Eduardo Pereira Gonçalves cumpre o dever de, por este ÚNICO MEIO, manifestar o seu indelével reconhecimento a todas as pessoas amigas que lhe apresentaram condolências e assistiram ao funeral de sua saudosa Mãe, Ana Gonçalves Pereira, compartilhando assim do grande desgosto por que recentemente passou.

Guimarães, 3 de Janeiro de 1952.

EDUARDO PEREIRA GONÇALVES.



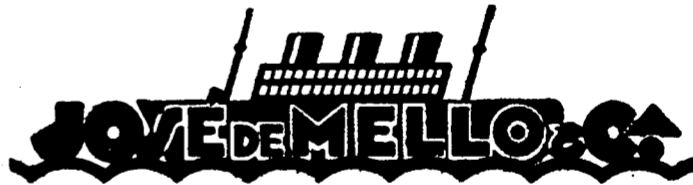
O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

ANDA MUITO BRINCA MUITO DURA MUITO...

UM EXCLUSIVO DA "SAPATARIA LUSO"

## Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Se tiver de comprar sapatos dirija-se à Sapataria Luso que compra bem.

### A Sapataria Luso,

cuja seriedade de comercial já é bem conhecida, não receia a concorrência. 424

Quando lhe mostrarem uma "GABARDINE" veja se é



Único Vendedor nesta Cidade:

**Casa Laranjeiro**

440 Telefone, 4413  
GUIMARAES

**Perdigueiro** Branco, machado de castanho, dando pelo nome de «Zaire», desapareceu no dia 23 da casa da Quinta, Paços-Vieira.

Pede-se a quem souber do seu paradeiro o favor de informar o Dr. Alvaro Malheiro, Meinedo — Lousada.

Procede-se a todo o tempo contra quem o retiver. 9

### TIPOGRAFIA "IDEAL"

Trabalhos em todos os géneros

TELEFONE, 4381 GUIMARAES

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Assinal o Notícias de Guimarães